

A PATOLOGIZAÇÃO DO “EXTERNO”: UM OLHAR PARA A CRIANÇA IMIGRANTE

Cauê Cristiano Cardoso¹

Janine Moreira²

Resumo: Nossa pesquisa procurou entender se as crianças imigrantes têm sua cultura considerada ou negada nas escolas, se as diferenças culturais são fatores usados como instrumentos patologizantes. Assim, com o objetivo de problematizar a situação das crianças imigrantes nas escolas, de modo a identificar como se dão as relações sociais no ambiente escolar; analisar as dificuldades que elas apresentam na aprendizagem e se há algum encaminhamento destas crianças para o setor de saúde devido a algum diagnóstico, foi realizado um estudo bibliográfico, de revisão. Em notas gerais, pudemos destacar alguns indicadores que dificultam a ambientação e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem nos alunos imigrantes, como: línguas distintas; xenofobia; *bullying*; professores que, na perspectiva de não incorrerem em preconceito, elaboravam suas aulas desconsiderando as diferenças culturais.

Palavras-chave: diferenças culturais, dificuldades de aprendizagem, imigração, patologização, outreidade.

La Patologización de lo “Externo”: una mirada al niño inmigrante

Resumen: Nuestra investigación ha buscado comprender si los niños inmigrantes tienen su cultura considerada o negada en las escuelas, si las diferencias culturales son factores utilizados como instrumentos patologizantes. Así, con el objetivo de problematizar la situación de los niños inmigrantes en las escuelas, con el fin de identificar como ocurren las relaciones sociales en el ámbito escolar; para analizar las dificultades que tienen en el aprendizaje y si existe alguna derivación de estos niños al sector salud por algún diagnóstico, hemos realizado un estudio de revisión bibliográfica. En notas generales, hemos podido destacar algunos indicadores que dificultan el ambiente y la calidad del proceso de enseñanza-aprendizaje en el alumnado inmigrante, tales como: idiomas diferentes; xenofobia; acoso; profesores que, para no incurrir en prejuicios, preparaban sus clases sin tener en cuenta las diferencias culturales.

Palabras clave: diferencias culturales, dificultades de aprendizaje, inmigración, patologización, alteridad.

¹ - Licenciado em História, Graduando em Psicologia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em Criciúma/SC. Bolsista de iniciação científica. – cauecristianocardoso@unesc.net

² - Doutora em Educação. Estágio Pós-Doutoral em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em Criciúma/SC. – jmo@unesc.net Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8421-277X>

Introdução

A espécie humana povoou o mundo em ondas migratórias, nosso antepassado, o *Homo ergaster*, foi a primeira espécie “homo” a migrar para fora do continente africano; posteriormente, o *Homo sapiens* faria um caminho semelhante, que culminaria na povoação de todos os continentes. Migrar, portanto, sempre foi uma necessidade da espécie humana, seja por motivos econômicos, religiosos, políticos ou guerras. No mundo contemporâneo, esses motivos se mesclam, levando milhares de pessoas decidirem emigrar para países supostamente “mais desenvolvidos, mais seguros e com mais oportunidades”.

Contudo, quando países europeus, destino de imigrantes vindos dos lugares do mundo identificados como não ocidentais na geopolítica do poder, criam barreiras para a entrada destes “indesejáveis” imigrantes, rompem com ciclo histórico de migrações da humanidade e se esquecem que sua formação histórica está entrelaçada com a imigração de diferentes povos, como os Godos, os Vândalos, os Anglos, entre outros; esquecem também do enorme contingente de seu continente que emigrou para suas antigas colônias na América Latina fugindo da miséria e das guerras.

Esta postura aponta para uma constatação de que, em alguns lugares, o acolhimento de imigrantes tem se tornado cada vez mais seletivo. Bauman e Donskis (2014) problematizam, entre outras “cegueiras morais”, o medo que os europeus têm dos refugiados, estes imigrantes tão diferentes deles, cuja existência incomoda por mostrar que o humano também pode se manifestar a partir de condições que se prefere não conhecer.

O Brasil tem recebido muitos imigrantes. Na região sul, é notória a vinda de imigrantes do Haiti, Togo, Gana, África do Sul, Senegal. Pessoas que, em sua maioria, saem de seus países, com suas famílias, por não terem lá condições de viver em segurança. São pessoas que aqui têm sido vistas e tratadas como “outros”, seja pela cor de sua pele, por sua língua, por sua religião ou por sua cultura, e por isso, colocadas à margem da sociedade. O imigrante, o “outro”, o “diferente” habita o mesmo lugar do patológico: o lugar da “outridade”, do estigma, do “não-ser”.

Estas reflexões foram endossadas a partir da experiência no projeto de extensão “Português como Língua de Acolhimento” (PLA)³, que objetivou ensinar a língua portuguesa como língua de acolhimento para imigrantes, entrelaçado com o projeto de extensão “Escola de Migrantes”⁴, o qual objetivava promover informações necessárias para os imigrantes se estabelecerem no Brasil com condições dignas, desenvolvidos em nossa universidade. Ambos oportunizaram, a partir de sua realização integrada, encontros com imigrantes, que suscitaram o interesse em compreender como se tem dado a inserção de crianças imigrantes nas escolas.

Esse interesse nos levou ao desenvolvimento de uma pesquisa de iniciação científica, com os seguintes questionamentos: as crianças imigrantes têm sua cultura considerada ou negada nas escolas? Será que as diferenças culturais são fatores usados como instrumentos patologizantes?

Moysés e Collares (2013), Garcia (2018) e Szymanski (2012) denunciam a patologização das dificuldades de aprendizagem, ao se transferir problemas existenciais e educativos ao campo médico e, mais especificamente, à biologia da criança, atribuindo, portanto, ao indivíduo (à criança) a responsabilidade por elas. Diante disso, nosso objetivo foi problematizar a situação das crianças imigrantes nas escolas, de modo a: identificar como se dão as relações sociais das crianças imigrantes no ambiente escolar; analisar as dificuldades que elas apresentam na aprendizagem e identificar se há algum encaminhamento destas crianças para o setor de saúde devido a algum diagnóstico.

Devido a essa pesquisa ter sido realizada em meio à Pandemia de Covid-19, respeitamos as definições de segurança estabelecidas pelos órgãos de saúde e prefeitura, o que impossibilitou as pesquisas empíricas nas escolas e com as famílias imigrantes.

Com isso, escolhemos realizar um estudo bibliográfico, a partir de artigos e livros que abordam a temática. Optamos por utilizar artigos científicos disponíveis no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), nos periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Google Acadêmico*.

³ Coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Ângela Cristina Di Palma Back.

⁴ Coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Michelle Maria Stakonski Cechinel.

Direcionamos a pesquisa por palavras chaves, como: “imigrantes e práticas educacionais, imigrantes e dificuldade de aprendizagem”, entre outras. Os artigos encontrados foram filtrados primeiramente pelos títulos, seguido da leitura dos resumos e, por fim, a leitura completa, ficando em 11 artigos lidos.

Na perspectiva de poder ouvir os próprios imigrantes, optamos por assistir vídeos disponíveis no *Youtube* que tratavam do tema e davam voz às crianças e adolescentes. A pesquisa para escolher os vídeos partiu das mesmas palavras chave, sendo que alguns vídeos foram encontrados por sugestão do próprio algoritmo da plataforma. Filtrou-se primeiramente pelo título e descrição, ficando-se com 9 vídeos assistidos na íntegra.

Assim, foram assistidos e analisados 9 vídeos e lidos 11 artigos; partindo desse material, procuramos cruzar os dados levantados com o intuito de compreender a situação das crianças imigrantes nas escolas, de modo a: identificar como se dão as relações sociais no ambiente escolar; analisar dificuldades de aprendizagem e se há algum encaminhamento destas crianças para profissionais de psicologia, psicopedagogia ou psiquiatria.

Resultados

Partindo da problematização de Bauman e Donskis (2014), que entre outras “cegueiras morais”, escrevem sobre o medo que os europeus têm dos refugiados, estes imigrantes tão diferentes deles, cuja existência incomoda por mostrar que o humano também pode se manifestar a partir de condições que se prefere não conhecer, encontramos correlação desse medo no Brasil. Igor Sacramento e Izamara Bastos Machado (2015, p. 43), ao analisarem reportagens brasileiras sobre surtos de Ebola no continente africano em 2014, perceberam que existe uma “construção da oposição entre “nós” (brasileiros) e “eles” (africanos), enfatizada ora de modo implícito, ora explícito. A segurança e a prevenção no contexto da globalização envolvem a vigilância constante das fronteiras como prática de proteção de possíveis ameaças à ordem. Podemos correlacionar esta situação com o fato de que imigrantes africanos com ensino superior e médio completos se inserem

de forma desigual no mercado de trabalho, recebendo rendimento abaixo dos 3 salários mínimos, com variação ainda pior quando se considera idade e sexo (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2019).

O sul do Brasil, este canto eminentemente branco deste imenso mestiço país, vive suas dificuldades em aceitar pessoas tão diversas, ainda mais se considerarmos a dificuldade de o brasileiro se reconhecer no que é: mestiço, uma vez produto do indígena originário, do europeu invasor e do africano escravizado. A despeito desta origem, o sul do Brasil ainda celebra suas festas dos imigrantes, em uma alusão apologética do branco civilizador. Assim, o “não branco” é visto como “outro”, o que “não é o mesmo”, visão que demonstra nossa alienação em relação à nossa identidade cultural.

Com isso, partimos dessa concepção de que o imigrante é visto como o “outro”, o “diferente”, e, desta forma, habita o mesmo lugar do patológico: o lugar da “outreidade”, do estigma, do “não-ser”, em uma relação bem direta. Pussetti (2006), desde a antropologia, faz a crítica ao Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM) – da Associação Americana de Psiquiatria (APA) - o qual classifica na modalidade “Síndromes ligadas à cultura” (*culture-bound syndromes*) os comportamentos considerados “exóticos” de culturas também assim consideradas. A autora questiona o padrão de normalidade deste manual, o qual considera a si mesmo como “neutro”, acultural, e estabelece “outreidades” para pessoas de culturas as quais não reconhece, invisibilizando sua própria origem cultural. A ciência também fala de um tempo e lugar, é impossível um “não-lugar”.

Garcia (2018), Szymanski (2012) e principalmente Moysés e Collares (2013), estas últimas sendo referências das primeiras e de vários outros autores que estudam a “patologização da existência”, se centram no mesmo princípio de questionar a normalidade preconizada como ideal e neutra. Todas estas autoras se centram na problematização da patologização das dificuldades de aprendizagem de crianças. Alertam para o galopante aumento de diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e do mais recente Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD). Comportamentos devidamente classificados pela Psiquiatria e Psicologia, que não param de criar novas

patologias – novos rótulos – para reconhecer as crianças que se resumem, assim, a estes estigmas.

Estas reflexões nos levaram a criar a hipótese de que os alunos imigrantes podem estar sendo patologizados nas escolas em que são inseridos. Assim, para poder confirmar ou não esta hipótese, compreendemos que era necessário, primeiramente, problematizar a situação das crianças imigrantes nas escolas e identificar como se dão as relações sociais nesse ambiente escolar e analisar se existem dificuldades de aprendizagem relacionadas a eles, assim como verificar se há encaminhamentos destas crianças para profissionais de psicologia, psicopedagogia ou psiquiatria.

Com esta pesquisa pudemos perceber que a bibliografia disponível aponta para uma situação complexa para as crianças e adolescentes imigrantes nas escolas brasileiras. Ficou evidente que se inserem em diferentes interseccionalidades, dependendo de onde migraram, de sua cor e, principalmente, dos estereótipos baseados em preconceitos a diferentes culturas. Em notas gerais, pudemos destacar alguns indicadores que dificultam a ambientação e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem aos alunos imigrantes, como: línguas distintas, diferenças culturais, xenofobia, *bullying* dos colegas brasileiros, professores que elaboraram aulas pensando a turma com sendo homogênea na perspectiva de não incorrer em preconceito com os alunos imigrantes. Essas crianças precisam superar desafios como o de acompanhar conteúdo programático enquanto aprendem uma nova língua, lidar com demarcadores culturais nas escolas muito diferentes dos que vivenciam em casa, situação que pode levá-las a uma negação da própria cultura para poderem se sentir mais acolhidas nas escolas e grupos de amigos, e a falta de políticas públicas inclusivas.

Uma pesquisa realizada em Portugal aponta a mesma direção; Luísa Ramos de Carvalho *et al.* (2002), em seu artigo, explicaram que os alunos imigrantes sofriam com o insucesso escolar e que os professores não estavam preparados para lidar com alunos e famílias culturalmente diferentes.

Contudo, os artigos brasileiros demonstram que a realidade aqui vivenciada é diferente. Em uma escola de São Paulo, que recebe uma quantidade considerável

de imigrantes, sendo que estes compõem uma parcela significativa do efetivo da instituição, o diretor explica que ao assumir o cargo “[...] já sabia que era uma escola que recebia imigrantes e que, por isso, esperava encontrar projetos destinados a esse público, mas, para sua surpresa, não encontrou trabalhos sendo desenvolvidos, provavelmente porque ‘os imigrantes não davam trabalho, são alunos bem comportados, eles são alunos que têm o sucesso escolar’.” (KOHATSU *et al.* 2020, p 4). Porém, há de se considerar que esse sucesso escolar não necessariamente é reflexo de uma boa adaptação dos alunos estrangeiros, pois como explica Lineu Norio Kohatsu *et al.* (2020, p. 4) sobre a mesma escola:

[...] Embora em geral as percepções dos professores em relação aos alunos bolivianos sejam frequentemente positivas, o coordenador pedagógico alertou que isso ocorre na medida em que os alunos correspondem ao “que se espera do comportamento dos imigrantes, de como eles devem ser na escola”, havendo pouca tolerância quando as expectativas não são correspondidas.

Outro artigo, com a pesquisa situada em uma escola do estado de Mato Grosso, corrobora essa ideia, de que, na perspectiva da escola, os alunos imigrantes não enfrentam o insucesso escolar, trazendo um outro aspecto, de que o bom rendimento desses alunos está ligado às famílias, que se mostram sempre muito presentes e preocupadas com seus filhos, ao passo que demonstram um grande respeito e valorização aos professores. Esses professores, por sua vez, reforçam a ideia de que na escola o preconceito deles para com os alunos é inexistente, relatando com orgulho que tratam todos de forma igual. Deixam transparecer, mesmo sem intenção, que desconsideram a cultura desses alunos, pois desta forma não estariam incorrendo em discriminação. (MIYAHIRA, 2016).

Elbio Miyahira (2016, p. 11500) explica ainda que alguns professores “inclusive, preferem o isolamento dos alunos bolivianos, pois ao se socializarem, como ocorreu em um dos casos estudados pela pesquisadora, o aluno passa a conversar durante a aula e passa a atrapalhar o trabalho do professor”.

Os demais artigos lidos que apresentam pesquisas em escolas apontam na mesma direção. Assim, fazendo uma relação com os vídeos analisados, temos essa mesma concepção das instituições escolares, de que as crianças e adolescentes

imigrantes são bons alunos, respeitosos e estudiosos. Dos 9 vídeos analisados, 8 eram reportagens de televisões locais, e o nono um mini documentário que tratava da perspectiva de uma escola sobre o trabalho escravo sofrido por imigrantes no estado de São Paulo.

Todas as reportagens tinham o mesmo tom, de acolhimento por parte dos brasileiros (alunos, professores e coordenação pedagógica) e uma boa adaptação por parte dos estudantes imigrantes, a única queixa que coincide com o reportado nos artigos é a da barreira linguística. Contudo, as reportagens trazem a adaptação como sendo uma assimilação da cultura brasileira, sendo que quanto mais identificados com os brasileiros, mais adaptados estariam e que assim seria melhor. Por exemplo, a reportagem da TV Imperial Oficial (2017), da cidade de Boa Vista, em Roraima, traz o relato da gestora de uma escola na cidade, ela explica que não foi necessária adaptação pedagógica para os alunos imigrantes, que houve, sim, uma sensibilização por parte dos professores, mas que a adaptação foi muito tranquila.

Essa adaptação fácil dos alunos imigrantes pode ser questionada pela fala de alguns alunos entrevistados, que traziam relatos de que no começo era difícil se enturmar, mas que agora estava tudo bem. Considerando a edição e uma possível intenção dos gestores escolares e da mídia brasileira em passar a sensação de acolhimento desses imigrantes, pode-se levantar o questionamento se essa adaptação é realmente tão tranquila. Assim, o mini documentário “Migração como direito humano: rompendo o vínculo com o trabalho escravo” da ONG Repórter Brasil (2017), nos ajudou a perceber uma perspectiva diferente; nele, as falas dos alunos estão carregadas das dificuldades enfrentadas, como *bullying*, preconceito e xenofobia, a ponto de ser necessária uma intervenção mais séria nas escolas por intermédio de uma formação continuada denominada com o mesmo título do documentário, vinculada ao Programa Trabalho Escravo Nem Pensar, da ONG Repórter Brasil. Fundado em 2004, é o único programa nacional dedicado à prevenção do trabalho escravo (ESCRAVO NEM PENSAR, 2017).

O que realmente ficou evidente é que nas escolas alvo das reportagens e artigos analisados, se tem o entendimento de que as crianças e adolescentes imigrantes são bons alunos e conseguem alcançar o sucesso escolar. Contudo, isso

pode estar relacionado a uma ideia de “alfabetização cultural”, na qual os alunos imigrantes precisam ser ensinados a ler o mundo no qual eles próprios estão inseridos, na medida em que se assume a necessidade de uma “transmissão” de informações e valores, incorrendo em uma “concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, 1987, p. 34). Assim, o que pode estar ocorrendo, portanto, é que “[...] em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem, papel que os alunos imigrantes aparentemente têm desempenhado como espera a comunidade escolar.

Cybele de Faria e Soares (2016) ressalta que esse discurso de adaptação fácil por parte das crianças e adolescentes imigrantes e acolhimento caridoso por parte das instituições escolares nega a possibilidade dos alunos imigrantes de se reconhecerem a partir de sua diferença e particularidade cultural.

Quando acredita-se que os estrangeiros são bem recebidos ou que não é necessário pensar sobre sua integração porque defende-se que ela acontece “naturalmente”, retira-se dos nacionais, especialmente professores, a necessidade de fazer algo para facilitar-lhes a integração e dar-lhes espaço para expressão da sua cultura. (SOARES, 2016 p. 11486).

Apenas um artigo trouxe a fala sobre patologização, ele foi elaborado a partir de uma pesquisa realizada em uma escola particular, no qual encontramos o seguinte trecho de entrevista:

[Professora:] A gente tem aqui famílias inteiras de primos, todos que daria para afirmar eles têm déficit de atenção coletiva. E não sei, merece uma investigação, porque é no mínimo curioso. Como é que uma família inteira tem o mesmo padrão de comportamento, mas que reflete no estudo, na absorção de conhecimento. A princípio, sem o menor julgamento, é que a princípio parece deficiência no processo de aprendizagem. Tem dificuldade de aprendizagem. Mas é evidente que deve ter algo muito mais elaborado nisso... Não sei ainda se tem a ver com a cultura, é.... algo realmente curioso. Entrevistadora: Que padrão de comportamento você falou que eles têm? Professora: Apático. Completamente apático. (SOARES, 2016 p. 11488).

Podemos questionar o porquê desta apatia de toda uma família: será algo relacionado à cultura, aos moldes da crítica de Pussetti (2006)? Será uma dificuldade

de comunicação por motivo da língua? Qual será a história desta família? Sob quais condições se deu sua migração?

Com isso, podemos traçar um paralelo entre o problema de pesquisa e os objetivos alcançados; primeiramente, não foi possível, confirmar que há uma patologização dos alunos imigrantes, pelo contrário, os artigos e vídeos analisados remetem à ideia de que esses alunos são bem vistos pelas instituições escolares, o que não necessariamente representa uma condição adequada no processo de ensino-aprendizagem e ambientação dos alunos imigrantes.

Considerações finais

A bibliografia encontrada demonstrou que existem poucas pesquisas relacionados ao tema. Contudo, os estudos existentes convergem no entendimento de que, apesar de existirem casos isolados de preocupação da gestão escolar em receber esses imigrantes de forma mais adequada, a comunidade escolar tende a forçar a adaptação dessas crianças e adolescentes aos moldes de uma cultura escolar brasileira. Com isso, podemos sinalizar a necessidade de políticas públicas e afirmativas voltadas às crianças e adolescentes imigrantes. Deste modo, considerando o questionamento inicial desta pesquisa, sobre as crianças imigrantes terem sua cultura considerada ou negada nas escolas, por intermédio da análise dos artigos pudemos perceber que sua cultura é negada a partir de uma “invisibilização cultural”, na qual a cultura brasileira é tida como padrão a ser alcançado. Assim, se o aluno imigrante se mostra respeitoso para com as regras escolares, passa a ser considerado como devidamente adaptado.

Embora alguns artigos e reportagens sugiram uma boa adaptação e sucesso escolar desses alunos, é crucial questionar se essa aparente integração reflete uma verdadeira compreensão e valorização da diversidade cultural. Ainda persistem desafios significativos, como barreiras linguísticas, diferenças culturais, xenofobia e *bullying* que, em geral, acontecem dentro de um contexto de pressão para uma conformidade social, e podem afetar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem e o bem-estar dessas crianças. Outros pontos que pudemos destacar

a partir da análise dos artigos e vídeos foi a falta de políticas públicas inclusivas e a necessidade de uma formação continuada para os profissionais da educação.

Partindo da análise dos artigos e vídeos, percebemos que as relações sociais no ambiente escolar estão a mercê de sérios problemas como línguas distintas, diferenças culturais, xenofobia, *bullying* e professores sem condições para se preparar adequadamente. As dificuldades de aprendizagem existem e estão relacionadas aos mesmos problemas, contudo, há de se problematizar ainda o conceito de sucesso escolar, como já apontado anteriormente. Sobre o encaminhamento destas crianças para o setor de saúde devido a algum diagnóstico, não encontramos nenhuma menção nesse sentido, o que até certo ponto pode ser compreendido como positivo.

Podemos inferir ainda, que uma visão educacional baseada em estereótipos e preconceitos pode colocar os imigrantes como o "outro" e os distanciar do reconhecimento de sua própria cultura. A concepção de adaptação fácil pode ocultar dificuldades reais enfrentadas pelos alunos imigrantes, como o *bullying*, o preconceito e a xenofobia, que exigem uma atenção mais séria e medidas efetivas por parte das instituições educacionais. Além disso, é importante refletir sobre a abordagem pedagógica adotada, que muitas vezes se baseia em uma transmissão unilateral de informações, negando aos alunos imigrantes a oportunidade de reconhecer e valorizar suas diferenças culturais.

Diante desse panorama, é fundamental que se promova um ambiente inclusivo e acolhedor para as crianças imigrantes, reconhecendo sua diversidade cultural e garantindo o respeito às suas identidades. A formação adequada dos profissionais da educação, a implementação de políticas inclusivas e o combate ao preconceito e à xenofobia são passos essenciais para que essas crianças tenham acesso a uma educação de qualidade e se sintam verdadeiramente integradas na comunidade escolar. Somente assim poderemos superar os desafios enfrentados pelos alunos imigrantes e garantir a igualdade de oportunidades educacionais para todos.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, Rosana; DEMÉTRIO, Natália Belmonte; DOMENICONI, Joice de Oliveira Santos. Espaços das Migrações Transnacionais: perfil sociodemográfico de imigrantes da África para o Brasil no século XXI. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.** [EPUB]. Brasília, v. 27, n. 56, p. 35-60, ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/remhu/v27n56/2237-9843-remhu-27-56-035.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2020.

BAUMAN, Zygmunt e DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

CARVALHO, Luísa Ramos de; *et al.* Crenças dos Educadores Sobre Infância, Aprendizagem e Escolarização das Crianças em Contextos Escolares Multiétnicos. **Psicologia**. Lisboa. v.16 n.2, p. 325-350, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v16n2/v16n2a03.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2020.

ESCRAVO NEM PENSAR. **Sobre**. [S.l. 2020]. Disponível em: <http://escravonempensar.org.br/sobre/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KOHATSU, Lineu Norio; *et al.* Educação de alunos imigrantes: a experiência de uma escola pública em São Paulo **Psicologia Escolar e Educacional**. [EPUB]. Maringá v.24, p. 01-09, ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v24/2175-3539-pee-24-e213834.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2020.

MIYAHIRA, Elbio, Relação Entre Professor e Família: migrantes e imigrantes na escola pública. In: XVIII ENDIPE Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da Educação Brasileira. **Anais eletrônicos [...]** Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso. 2016. p. 11492- 11503. Disponível em: https://www.ufmt.br/endiipe2016/downloads/233_9880_36821.pdf. Acesso em: 07 jun. 2020.

MOYSÉS, Maria Aparecida A. e COLLARES, Cecília A. L. Controle e medicalização da infância. **Desidades – Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.11-21, dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/2456/2090>>. Acesso em 04 jul. 2019.

ONG REPÓRTER BRASIL. Migração como direito humano: rompendo o vínculo com o trabalho escravo. [S.l.] 2017. Vídeo de 9 minutos e 26 segundos produzido e publicado pela ONG Repórter Brasil. *Youtube*. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=_26Wdm3XzCg&feature=emb_logo. Acesso em: 15 abr. 2020.

PUSSETTI, Chiara. A patologização da diversidade. Uma reflexão antropológica sobre a noção de *Culture-Bound Syndrome*. **Etnográfica**, Lisboa, v.10, n.1, p.05-40, maio. 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.mec.pt/pdf/etn/v10n1/v10n1a01.pdf>>. Acesso em 14 mar. 2019.

SACRAMENTO, Igor; MACHADO, Izamara Bastos. A imigração como risco para a saúde: uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da Folha de S. Paulo sobre o ebola. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 28, p. 25-47.

2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/csoc/v28/v28a02.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2020.

SOARES, Cybele de Faria e. Relações Sociais em Sala de Aula: nacionais e imigrantes. In: XVIII ENDIPE Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da Educação Brasileira. **Anais eletrônicos [...]** Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso. 2016. p. 11484- 11491. Disponível em: https://www.ufmt.br/endipec2016/downloads/233_9880_36821.pdf. Acesso em: 07 jun. 2020.

SZYMANSKI, Maria Lídia S. Dificuldades de aprendizagem (DA): doença neurológica ou percalço pedagógico? **Boletim Técnico do SENAC: a Revista de Educação Profissional**, Rio de Janeiro, v.38, n.3, p.4-15, set/dez. 2012. Disponível em: <<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/152/137>>. Acesso em 14 mar.2019.

TV IMPERIAL OFICIAL. **Sempre de Bem**: Alunos Estrangeiros. Boa vista, 2017. Vídeo de 4 minutos e 06 segundos produzido e publicado pela TV Imperial Oficial. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=11CmDr-WEDY&app=desktop>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Recebido em outubro de 2024
Aprovado em dezembro de 2024